

Matto-Grosso

REVISTA MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO VII

CUIABÁ — DEZEMBRO — 1910

NUM. 12

O EXM. E REVM. SR. D. CARLOS LUIZ D'AMOUR

ARCEBISPO-BISPO DE CUIABÁ

FAGUEIRA por ali repontou a aurora do dia 8 de Dezembro, aurora duplamente querida para o nobre povo cuiabano.

Era a festa da Immaculada Conceição de Maria, e o anniversario da ordenação Sacerdotal do inclyto Pastor da Igreja matto-grossense, o Ex.^{mo} e Revm. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour.

E circumstancia particularissima, neste anno, veio tornal-a inesquecivel na mente dos seus diocesanos; pois marcava ella o rutilo dia cincoenta vezes repetido desde quando o venerando D. Carlos Luiz de Amour, fôra ungido Sacerdote do Senhor.

Assim synthetizou toda uma historia, apresentou toda uma vida gasta no serviço de Deus e em dispensar beneficios á humanidade mórmente aos extremecidos diocesanos.

Existiu um homem que a Grecia enumerou entre os seus sabios, Ro-



ma collocou ao lado dos Camillos e Cincinatos: um bemfeitor do povo, uma especie de heroe modesto que teria inspirado a pena de um Plutarco, ou animado um painel de Apelles. Perdido entre as brenhas, numa intermina campina, ou desterrado entre os montes e mat-tas, n'um solitario casebre, foi o unico fóco de verdadeira luz no lugar onde habitou

N'um centro povoado, outrosim, em uma cidade, sua estrella não esmoreceria deante dos astros que a rodeiam; pois desde a base até a sumidade da hierarchia social, elle foi sempre um mestre que ensina, um pae que consagra, um apostolo que se sacrifica. No caminho da vida, no desvio da estrada si o encontrarmos revestido da roupeta, saudemol-o profundamente: elle é a incarnação vivente e sagrada da sciencia, da abnegação, e da virtude...

Observemos o sacerdote desde o inicio de sua carreira.

Retirado, no estudo e na oração

prepara-se ao desempenho de tarefa importantíssima: ser o sal da terra e a luz do mundo.

Ao termo dos estudos classicos e de humanidade, possui um cabedal scientifico identico ao do moço que se encaminha para as artes liberaes. Não fôra a vocação ecclesiastica para a qual a voz de Deus o convidava não lhe faltaria a palma do doutor ou a beca do magistrado. Outras grandezas elle almeja... Aos olhos do mundo, e no periodo das hostilidades que atravessamos, elle talvez errou a carreira, porém nos olhos de Deus e conforme a inclinação de sua alma escolheu a parte melhor.

Ha uma sciencia rainha e senhora das outras, appareceu ella no monte Horeb sobre a testa de Moysés, e no Thabor nimbando as faces do Senhor; os labios sacerdotaes d'ella tem a custodia e privativa.

E' a *Theologia* que encerra as verdades referentes a Deus e ao homem ao cén e á terra, ao mundo dos corpos e dos espiritos, á vida presente e á futura. Ensina todos os deveres para com Deus, para com o proximo e para com a sociedade. Tem como fontes as Sagradas Escripturas, com o duplo contingente do novo e velho *Testamento*, a *Tradição* que pela palavra e pela penna remonta com igual autoridade até os tempos apostolicos; o *direito canonico* com seus decretos e regulamentos disciplinares, e finalmente a *historia* voz imparcial e vibrante, que conta as origens, os movimentos, as benemerecias, as luctas e triumphos da Igreja atravez dos seculos. Eis o quadro empolgante do ensinamento sacerdotal.

O Sacerdote é o sal da terra. Pois representa o proprio Deus pela auto-

ridade de suas funcções, e pela dignidade de seus poderes; ennobrece a propria vida pelos reflexos das perfeições divinas, e pela reproducção, ou ao menos, pela sincera imitação do modelo mais perfeito que appareceu no mundo: J. Christo. *Sacerdos altus Christus*. O Sacerdote, verdadeiro pastor, anda á testa do rebanho, levando-o aonde abundam ricas pastagens. Conhece a importancia do seu dever recordando a palavra que Jesus Christo dirigira ao príncipe dos Apostolos: *Pasce oves meos, pasce agnos meos*. Sabe-se qual é o alimento necessario ás almas; a luz da verdade, e a graça dos Sacramentos.

O homem não vive tão só de pão, mas de qualquer palavra que vem da bocca de Deus.

A palavra de Deus é substancia que desenvolve-se no organismo moral do christão; é especifico substancial que corrobora as almas na lucta renhida da existencia. A cathedra da igreja assemelha-se ao Sinai sempre acceso activando e moderando suas chammas. Nas festas solemnes o sacerdote desenvolve theses elevadas e themas profundos. E' o douto que demonstra, o erudito que atrahê a attenção, o letrado que encanta e amide electriza. Porém com os meninos e ignorantes é o pae que anima e aconselha.

O Sacerdote anda á frente do rebanho e leva as almas para a graça dos Sacramentos.

Aquelles que vem ao mundo, subministra pelo Baptismo os beneficios de uma vida sobrenatural, aquelles que sustentam a ultima peleja dá o Sagrado Oleo que conforta. A Penitencia resuscita os mortos, a Eucharistia nutre e sacia os vivos. A Penitencia arranca ao peccado as victimas inertes, a Eucharistia reconstituo-as na pujança da vida e prodi-

galiza-lhes as graças de uma saúde florescente.

Ora, si o sacerdote é o ministro destas maravilhas, si elle mantém na fronte da meninice a innocencia da idade infantil, si elle impõe silencio ás paixões que se desenfream durante a mocidade, si elle inspira na idade madura os serios calculos do porvir, si elle conforta de esperanças a velhice, e alegra com as flores da immortalidade o limite inexoravel da vida quando-se despedaça a existencia humana, com razão, podem-se-lhe apropriar as palavras de S. Paulo: *Eu de boa mente dou quanto posso, e darei a mim mesmo para a salvação das vossas almas.*

O Sacerdote dedica-se por completo ás almas.

Forçoso é reconhecer no sacerdote uma parte superior divinizada, e consagrada, pelo Oleo, de uma regalia celeste. Por isso exerce entre os homens um dominio supremo, tão só para melhor servir-os e aliviar-lhes as penas. Qual é o segredo da abnegação sacerdotal, abnegação que nunca alcançaram os ministros dos outros cultos?... O sacerdote catholico pertence a todos e a ninguem.

Para conservar-se independente e sacrificar-se em prol do proximo elle recusou os vinculos da natureza humana, e as alegrias, por ponceo egoistas, da casa domestica. Si o seu coração estivesse limitado no acanhado circuito de sua familia não poderia estar sufficientemente livre e occupar-se do seu inteiro rebanho; não poderia amar tanto até chorar com aquelles que choram, não poderia inspirar tão grande confiança, nem ser o confidente de nossas penas e dores. Dest'arte embora não se subtraia á humanidade, vive todavia como si a ella não perten-

cesse. A sagrada ordenação transformou sua natureza sem destrui-la.

Não sendo anjo, é homem que pela experiencia conhece a fragilidade humana, e isto anima seu coração a amal-os ternamente, generosamente com amor de pae, embora o seu amor esteja contido, e seja ennobrecido pelo voto de virgindade. *«Eu darei tudo até mim mesmo pelas vossas almas.»*

Nascido entre o povo, o sacerdote conserva uma inclinação natural para com os pequenos e para com os infelizes.

E quando frequenta os palacios dos grandes, fal-o unicamente para grangear riquezas e espargil-as logo em seguida sobre os pobres. No limiar da porta do opulento sem coração, encontrou-se, ás vezes, um cadaver sue umbido á fome... nunca porém no limiar da porta do presbytero.

Com especial delicadeza, o sacerdote revestido da cruz de J. C. reanima os corações abatidos pela desgraça e pela dor. Na tapera invocase como uma Providencia, ao leito de morte como um conciliador do Paraiso, por entre as epidemias, é proclamado martyr.

Qual a miséria que não tenha sido soccorrida pelos encantos de sua palavra? Qual a lagrima que não tenha sido enxugada pelas suas mãos? Elle é o inspirador, a vida e a alma de qualquer obra de beneficencia. O dia nefasto em que um louco ostracismo o banisse do campo da caridade que é o campo seu, a esperança seria uma planta arida, no coração do pobre e do infeliz.

Em cada dia e sete vezes em cada dia o sacerdote offerece a Deus a homenagem de suas orações, une sua voz ás vozes maviosas que pro-

clamam a bondade e as grandezas do Omnipotente.

Em nome e em pról do rebanho, eleva até o throno do Eterno os gemidos e choros e invocações do povo; pede graças e misericórdias para os culpados offerecendo dons e sacrificios para a remissão dos peccados. Perguntamos admirados ás vezes, como é que Deus do alto dos céos, não lança seus raios para aniquilar os atomos da terra que o offendem?

Esses milagres de paciência e longanimidade não nos devem admirar, pois em cada instante, nos dois hemispheros, os sacerdotes sobre o altar offerecem o sangue da victima divina J. C., nosso supremo medianeiro. Esse sangue acalma, desarma a colera divina e adia a hora tremenda da justiça.

* *

Ora como se explica que o sacerdote, este homem da sciencia, abnegação e virtude, é correspondido pela ingratição e pela injustiça? Uma voz competente me responde: «*Non est discipulus super magistrum; o discipulo não é mais do que o mestre. Eu vos envio como cordeiros entre lobos*».

Pelo dever e sentimento, o sacerdote é o defensor da virtude, o indomavel batalhador do vicio, o inimigo acerrimo das paixões, em qualquer lugar ellas vinguem. Esta missão attrahiu-lhe censuras, em todos os tempos lançou-lhe emcima guerras e desprezo. Os inimigos de J. C. são os gratuitos inimigos do sacerdote.

* *

Outras penas e provações duras tornam o sacerdote o homem de abnegação. A responsabilidade das almas. Dir-se-ia que o sangue do Calvario infiltrou-se em suas veias. Quantas sabias combinações! Quan-

tos planos estrategicos! Quantas manobras, ora no campo da defeza, ora na pista do ataque! E não obstante esses planos de guerra, e prodigios de tactica, ha derrotas dolorosas! Ha bandos desordenados que se afastam do redil, longe mui longe andam do pastor!... Eis a maior dor para o coração do sacerdote....

No meio dos espinhos, porém, ha dias de felicidade e plena felicidade. Qual é esse dia?

Talvez o dia em que depois de muitos annos passados no estudo e no recolhimento, recebe a unção sacerdotal? Não. Acaso o dia em que sobe ao altar pela primeira vez, rodeado de parentes e amigos? Não. E' o dia em que os sinos repicam festivos e a multidão se apinha afim de dar as boas vindas ao novo pastor? Não. Com certeza o dia no qual depois de 50 annos de bons leaes e abnegados serviços, um sacerdote celebra suas bodas de ouro, respeitado e aclamado? Também não. O dia mais feliz para o sacerdote é aquelle em que um filho prodigo ajoelha-se a seus pés e repete: «*Pai, perdoae-me porque pequei contra o céo e contra vós...*» E o sacerdote erguendo a mão em forma de cruz sobre a cabeça do penitente arrependido responde: «*Eu te absolvo, de tuas culpas, em nome do Pae, e do Filho e do Espirito Santo.*» Essa é tão grande felicidade para o sacerdote que unicamente quem a experimentou pôde justamente avaliála.

* *

Esboçando a imagem sympathica, attrahente, grandiosa do sacerdote, temos pallidamente apresentado a preeminente figura do preclaro Pastor D. Carlos Luiz d'Amour, venerando Arcebispo desta immensa archidiocese. Sua vida é um immenso jardim onde vicejam as flores mais bel-

las e exhalam perfumes os mais agradáveis de virtude e abnegação.

Em sua vida de Pastor dedicado e zeloso, durante os 33 annos que reger os destinos d'esta porção do rebanho catholico entregue a seus desvellos, encontramos os caracteristicos todos que constituem a grandeza dos verdadeiros ministros de Deus.

«O Exm. Sr. D. Carlos d'Amour viu a luz no dia 11 de Junho de 1837 na cidade de S. Luiz, Capital do Maranhão, terra que figura entre os Estados da federação brasileira como astro de primeira grandeza, pelos homens eminentes que ella tem dado para levantar o nome do Brasil e impol-o á admiração dos povos cultos.

Orpham bem cedo, faltaram-lhe na infancia os carinhos dos seus paes; e nesta primeira idade teve então como mãe adoptiva uma tia, que soube guiar-lhe os passos e desenvolver-lhe as bellas qualidades de seu privilegiado coração.

Ainda muito jovem, entrou para o seminario de sua diocese natal, onde pela lucidez do seu espirito, pela sua piedade e por suas qualidades de coração conseguiu conquistar um amigo intimo e dedicado na pessoa do Bispo diocesano o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, de sando-sissima memoria—que o estimava com particular affecto.

Avançando nos estudos e na piedade, no meio da estima e da admiração dos seus mestres e de seus condiscipulos; no dia 8 de dezembro de 1860, o jovem seminarista, a quem Deus reservava tão grandes destinos, recebia a imposição das mãos do seu Prelado, conferindo-lhe o sagra-do presbyterato.

O seu presbyterato é o astro que esponta visível para todos, e que sul-

ca o firmamento irradiando luz, alegria e esperança.

Admirador das qualidades do jovem levita, o seu Prelado não tardou em nomeal-o conego da Sé do Maranhão, cargo que elle soube honrar pelo seu zelo e inextinguivel dedicação.

Removido o Prelado maranhense para a séde metropolitana da Bahia, não poudo soffrer a separação do Conego d'Amour, cujos serviços e collaboração elle não podia dispensar no elevado e novo posto, onde Deus exigia o zelo e actividade daquelle Prelado.

Amigo fidelissimo e collaborador infatigavel do seu Prelado, na Bahia o Conego d'Amour, alem de exercer o lugar de conego effectivo do cabido daquelle archidiocese, exercia ainda as funcções de professor no seminario archidiocesano; fazendo-se estimar e applaudir de todos pela sua proficiencia e pelo seu trato nos diversos ramos de serviço a que consagrara a sua actividade.

Em Junho do anno de 1871 a Corôa o distinguia com a commenda da Ordem de Christo, ao mesmo tempo que a S. Sé lhe mandava a distincção de Prelado Domestico.

Assim como o sol á medida que sobe na sua carreira pelo campo azulado do firmamento, derrama mais luz e calor: assim tambem o jovem sacerdote, na porpoção que subia os degraus da hierarchia ecclesiastica, deixava sentir demais a mais o seu esforço, o seu zelo, a sua dedicação pela gloria desta igreja que elle amou desde o berço e á qual elle tinha se consagrado desde a sua juventude.

Em 1874 o anjo da morte esvoaçando por sobre a igreja metropolitana da Bahia envolvera em peza-do luto, arrebatando ao affecto do seu clero e do seu povo o grande An-

titiste, que por tantos annos a tinha illustrado com o seu ensino e as suas virtudes.

Durante a orphandade e viuvez da igreja bahiana, tendo de se lhe dar um Vigario Capitular—o Cabido, em sua unanimidade, não hesitou sobre quem devia ser o eleito para o desempenho de um logar que tanto tinha de honroso como de difficil, sobretudo numa epoca em que a perseguição religiosa bramia furiosa nesta terra de S. Cruz, onde já dois Prelados soffriam nos carcerees pela firmeza do seu *non possumus* ante o regalismo sectario que então opprimia a consciencia nacional.

Monsenhor d'Amour foi o homem que o Cabido, em sua sabedoria, julgou possuir todas as qualidades exigidas a receber os seus suffragios para o logar de Vigario Capitular.

A 27 de Junho de 1874 o Cabido e o povo bahiano o saudaram eleito Vigario Capitular e governador da séde metropolitana vacante. E o Cabido não se enganou na sua escolha.

O Governador da archidiocese fez uma administração que honrou o respeito que inspirava o seu nome, e o passado de uma archidiocese, sob cujo solio tinham sentado tantos homens illustres pelo saber e pelas virtudes.

Coração accessivel a todos os padecimentos do proximo, foi durante a sua administração, como Vigario Capitular da Bahia, e devido aos seus esforços, que se fundou naquelle Capital o Asylo de Mendicidade, que lá está até hoje consolando e enchugando as lagrimas de tantos infelizes.

Zelo, firmeza, prudencia e caridade eis a synthese do seu governo, como Vigario Capitular.

Soava, entretanto, no relógio do tempo a hora solemmnissima em que

Monsenhor d'Amour devia occupar o logar para o qual a Divina Providencia o estava preparando desde os seus primeiros annos.

Estava feito o noviciado que a Divina Providencia tinha imposto ao seu eleito: elle foi fiel e soubo corresponder aos favores do céu.

A 28 de dezembro de 1876, a Condessa d'En, ex-Princesa Imperial, apresentou á S. Sé o nome de Monsenhor d'Amour para o solio de Cuiabá, proposta acceita e confirmada pelo Consistorio de 21 de setembro de 1877.

Essas occurencias felizes, presenças de tantos beneficios para a Igreja, tiveram o seu termo com a sagração de S. Ex., recebida no dia 28 de abril de 1878.

O clero e o povo bahiano, repassados de saudades com a partida do sacerdote e do amigo de quem tinham recebido tantas reiteradas provas de estima e o exemplo de todas as virtudes que nobilitam o homem e o christão—no meio de suas saudades sentiam o lenitivo com o pensamento de que os seus sacrificios iam quebrar o luto da viuvez e orphandade da igreja cuiabana, e dar-lhe como guia um pastor que faria a sua alegria e a sua felicidade.

Da parte do novo Prelado, custou-lhe muito tambem separar-se da sua querida Bahia, onde, entre os numerosissimos amigos que ia deixar, ficava tambem uma irmã, e uma irmã unica, que soffria e lhe fazia soffrer muito com a separação...

S. Ex. deixou, porom, a terra que elle amava e onde era muito amado, e, fortalecido pela sua fé de apostolo, affrontou as iras dos ventos e das vagas oceanicas em busca da sua diocese, onde chegou a 2 de maio de 1879.

Cuiabá vestida de galas recebeu

a seu Pastor por entre hymnos e flores, affirmando-lhe a sua fé religiosa, e dando-lhe a segurança de seu amor e do seu respeito filial; esperando todos os bens do Pastor que vinha de tão longe, atravez de tantos perigos e fadigas para guiar e assegurar os seus passos nos caminhos da salvação.

O Prelado, correspondendo a esses sentimentos tão nobres dos seus novos diocesanos, desde logo deixou ver na sua administração uma orientação que não desmentia o seu passado e ao mesmo tempo levava a todos os espiritos a convicção de que o seu novo Pastor era a encarnação do bello lemma que elle tinha adoptado para o seu apostolado: *Omnia in charitate*.

Desejoso de ver a Pedro e de receber d'elle conselhos e lições em favor da felicidade de sua diocese, S. Ex., no anno de 1889, embarcou, desta cidade em busca da cidade Eterna, onde depois de prestras as homenagens devidas ao S. Padre, não consentiu descansar o seu nobre coração em quanto não conseguiu congregações religiosas para a direcção do seminario diocesano e de um asylo de orphans que pouco antes elle tinha fundado nesta capital.

Depois de um anno de ausencia, repassado de saudades do seu querido aprisco, S. Ex. regressou atravez dos mares, ansioso de se ver entre os seus diocesanos para os quaes elle trazia a alegria da sua benção e a dos amigos que elle tinha conseguido para a educação dos seus filhos e amparo das orphans desvalidas.

S. Ex. desembarcou nesta cidade em 5 de dezembro de 1890, e tão bellas impressões deixou no espirito do S. Padre, que este apenas esperou S. Ex. chegar de regresso ao seio dos seus diocesanos para sur-

prehendel-o com a nomeação de Conde Romano e de Assistente ao Solio Pontificio.

O episcopado de S. Ex. tem sido laborioso, mas carregado de beneficios, que se impõe á admiração de todos aquelles que se exultam com a gloria da Igreja.

O brilho dos seus feitos, tão bem conhecido por Pio IX e Leão XIII, não escapou tambem ao olhar de Pio X, que prestando homenagem a uma vida toda consagrada ao serviço de Deus—acaba ultimamente de agraçial-o com as honras de Arcebispo.

Teriamos muito que dizer, si num curto espaço podessemos apresentar tantas cousas grandiosas brotadas do coração de S. Ex., sempre aberto a tudo quanto se entende com a gloria de Deus e o bem do proximo.»

* * *

A redacção da *Revista Matto-Grosso* inserindo em suas paginas o retrato do inclyto Pastor, e publicando-lhe os dados biographicos, entende mostrar a quantos sabem apreciar os merecimentos dos grandes, quão bella é a individualidade de S. Ex. Rev.^{ma}, e quanto merece ser estimado, honrado, venerado.

A *Revista* fita no seu lemma *Pro fide et Patria*, aponta os pioneiros que pela fé e pela Patria se sacrificam.

Pedindo ao Altissimo conceda dilatados annos de vida ao venerando Pastor, «com a alma cheia de alegria, saúda a bella estrella que ha 50 annos levantou-se calma e serena no céo do norte, e que, depois de uma trajectoria fecunda de benções já attingiu o seu perihelio, onde a contemplamos banhando de luz a tantos espiritos e consolando a tantos corações angustiados.»

Salve, amado e abnegado Pastor!



Brinde

ao meu prezado e illustre amigo

Desembargador LUIZ DA COSTA RIBEIRO
no seu aniversário natalício

A vida, amigo, a vida é uma Odysséa,
Em que aós mortaes como ao errante heroe,
Cyclopes torvam e a fatal Circeá.

Mas ha tambem. banquetes de Alcinoé,
Onde atravez do real triclínio quedo,
A lyra de Demódoco resôe.

Tal é teu natalício! E eis que em segredo,
Ao rosicler sereno desta aurora,
Travei da lyra como o velho aedo.

E qual ao gaio Anacreonte outrora,
Teimoso, o plectro só vibrava amores.
Tal vibra o meu só gratidão nest' hora.

E eu vou lembrando a idade dos verdoros,
Em que nossa alma extatica se casa
Com a estrella, com a ave e com as flores,

E o moço espahua ao sol a rútila aza
Do eterno ideal, cantando a poesia,
Que fibra a fibra os musculos lhe abraza.

Foi nessa quadra celestial que um dia,
Na soldão da minha alma embevecida,
Uma voz murmurou que me dizia:

«Canta, oh! moço, antes que a illusão se illida
Nas fragas do soffrer; mancoço, canta
A Deus, á Patria, o ideal, o amor e a vida!»

E havia tanta fé e força tanta
Nesse brado entusiastico e fagueiro:
Qual no clarim de uma cruzada santa.

Era tua essa voz, oh! meu Ribeiro,
Que me apontavas com o deão firme
As alturas do Pindo sobranceiro.

Desde então essa voz sempre a seguir-me
Ao longo do alto monte, immenso e hirto,
Té que no dorso os dubios pés lhe firme...

Ohi! quem dera o teu lar hoje vestir-t'o
De rosas! ou do Pindo pelas faldas
Ceifar mil frondes do loureiro e myrto

Sempre verdes quaes vivas esmeraldas,
Para, entre as taças fêrvilhas de Baccho,
Tecer-te as genethliacas grinaldas!

Qual a Mecenas o galante Flacco,
Quem dera eternas odes soberanas,
E não um carne hoje vótar tão fraco
Ao Mecenas das lettras eniabanas!

Cuiabá, 16-12-1910.

AQUINO CORRÊA.

Fragmentos

A primavera chegou por estas bandas, festiva e com muita chuva. A neblina de que se vestia a Paulicéa na época do inverno espalhando uma melancolia indefinível pela alma da gente, foi substituída pela coloração redolente das flores e pelas catadupas d'agua, em que quasi todas as tardes, as nuvens jorram sobre a ironica impassibilidade da atmosphera. Já não mais a nevoa veste o céu com a sua túnica alvissima, velando a claridade purificadora do sol. Este, brilha com a serenidade radiosa de um metal polido. Uma perpetua ballada, jucunda, intensa, melodiosa vibra de vida em toda a natureza.

O inverno com todos os seus sudarios acimentados, com toda essa rigidez doentia que aniquilava a vida sonora da vegetação, foi, obedecendo ao curso regular das estações acinzentar outros céos, entristecer outras almas.

Agora o horizonte é vasto como um mar e o céu é infinito, azul e luminoso.

Chegou finalmente a estas benditas plagas vindo da França positivista o Sr. Clemenceau.

Como todos sabem, o Sr. Clemenceau vem com todos os focos do seu talento, com todas as luzes do seu saber, fazer uma serie de conferencias neste nosso caro Brasil, que, para elle em se tratando de religião é ovelha trespallada.

Já o vin e já o applaudiu a nossa Capital Federal com parte da sua aristocracia e curiosidade. Digo parte, porque nem todos puderam met-

ter-se na casaca preta e ir dissolver-se em suor no theatro municipal onde ressoou a palavra do ex-presidente francez. Dizem uns, que o Sr. Clemenceau franca ou disfarçadamente atacará a religião catholica; outros negam.

O certo, é que, o povo já está premanido contra a primeira das hypotheses, contrapondo ás suas theorias, outras, em outras tantas conferencias.

Tenho para mim, que o Sr. Clemenceau, apesar de não ser catholico, deve conhecer os principios de cortezia que adornam os espiritos cultos e não quererá sob pena de sahir desaffecto ao povo, jogar em meio das suas suggestivas palavras a irreverente grosseria de um insulto á religião dos brasileiros.

Não se admittre, o ecletismo em materia de religião como tambem em politica. E por isso deve ser toleina a celebre resposta de um escriptor da terra do Sr. Clemenceau, quando lhe perguntaram a que partido pertencia, si ao imperador ou á opposição, respondeu que não sabia ao certo. Pertencia a ambos, inclinando-se mais ao que estava no poder.

Bem, ninguém pode contradictar que a maioria dos brasileiros abraça a religião catholica, pois seria absurda pretensão, allegar que o elemento predominante é essa diminuta phalange do positivistas... Si o Sr. Clemenceau atacar a religião catholica, naturalmente atacará o povo e naturalmente será por elle repellido. Este não pode admittir que um estrangeiro, a titulo de hospede,

desabale do seu paiz e venha nos degraus do seu altar esbofetear o seu Deus. Eis aqui a razão pela qual alguns espiritos que se trajam á moda moderna, começam a julgar a acção dos catholicos, no sentido de precaução, de intolerancia. Não, preparar para defender principio, arregimentar para rebater doutrina, não é perseguir.

Mas isto não passará de mera illusão, o Sr. Clemenceau conhece por demais o terreno em que pisa e por força não retribuirá a hospitalidade de que é alvo, com palavras injuriosas á religião do povo brasileiro.

De ha muito appareceu a febre das viagens aereas. E com essa febre as tristes consequencias dos numerosos desastres que se têm succedido pela velha Europa. E não obstante isto, o numero dos aviadores tem augmentado consideravelmente, a commettendo empresas arriscadissimas que quasi sempre tem fracasado.

Ultimamente appareceu um curso, onde se inscreveram diversos aviadores, que deviam fazer a travessia dos Alpes, cabendo ao vencedor 50.000 libras.

Geo Chavez foi o vencedor que fez o percurso regularmente pairando no ar a uma grande altura. Havia, disse depois o arrojado pernabo, uma serenidade tal na atmos-

phera que eu podia demorar-me por mais de uma hora. Porém o desejo irresistivel de descer á terra impellia-me e eu fui pouco a pouco guiando o meu batel aereo.

Em baixo um vento impetuoso soprava. De subito uma corrente de vento virou violentamente o meu aeroplano e não pude evitar a queda.

E' esta a noticia que nos deu o diario paulista. Geo Chavez morreu já em Domodossola. Lá está o palco da tragedia cheio de ironia, a olhar serenamente os aviadores que passam pelos ares.

A morte do grande aviador foi penosissima e precedida de uma agonia lenta.

Um pezar profundo chumbava Domodossola num silencio acabrunhador. Havia na infinita tranquillidade dos espaços, uns restos de nuvens que passavam como se viessem de longe, cheias de piedado, presenciar a tragedia fatal.

Geo Chavez quiza no ultimo momento de lucidez, se visse, coberto de gloria, como o campeão dessa grande lucta da conquista dos ares e por isso murmurava freneticamente no delirio da morte: *Je ne meurs pas.*

S. Paulo—26—IX—910

OLEGARIO DE BARROS



O Padre Velho (*)

Como esses troncos solitarios, mudos,
 cujas vivaz cortiça,
 cuja ampla ramaria e bastas frondes,
 cujos frescos pimpolhos,
 cujas flores vernaes uma por uma
 devorou a queimada,
 e que sobre a coivara exuberante
 de milharaes viçosos,
 de cafezaes e cannaviaes sonoros,
 — as primicias da roça —
 o cerne alteiam denegrido e duro,
 mais duro do que o acciro.
 que o incendio morde, mas comer não pôde,
 e lá quedam solemnes,
 immoveis, apontando o firmamento
 aos arbustos que nascem...
 como esses troncos era o *Padre Velho!*...

.....
 Além-mar tóra nado,
 lá onde os Apeninos ponteagudos
 sustentam como um pallio
 de eterno azul o céu avelludado
 da terra dos vinhedos
 e dos flavos trigaes, adormecida
 aos beijos de dois mares...
 Do apostolado a chama lhe crestára
 as illusões da vida,
 e triumphando do amor do lar, do berço,
 lançou ás nossas praias
 mais esse velho bandeirante d'almas!
 Velho, roto, alquebrado,
 mas sua alma era um cerne! E cil-o, sublime,
 heroico, deslenhando
 as settas do indio, as escamosas roscas
 da sucuri gigante,
 os rabidos colmilhos dos jaguares,
 e os horrores das mattas:
 quando os *baenurús* (**) das tempestades
 lá passam rimbombando,
 e as vergam, estortegam, lascam, quebram,
 tudo, tudo arrostando,

(*) Nome com que era conhecido pelos Borócos o venerando missionario salesiano P. Raphael Traverso, fallecido a 1.º do corrente, na Colonia Indigena do Sangradouro.

(**) Dança vertiginosa dos Borócos.

eil-o que surge em meio ás virgens selvas,
 qual tronco solitario,
 que o fogo morde, mas comer não póde,
 e lá queda solenne,
 immovel, apontando o paraíso
 aos lassos companheiros,
 e á tribu que o contempla, estupefacta!...

.....
 Mas só *Maréboe* (*) é grande!
Maréboe vibra o raio e o tronco nua,
 tomba, lá jaz por terra!
 E' morto o *Padre Velho*! Aquelle dia
 é fama que no bosque
 os sabiás calaram, só os pombos
 gemeram longamente,
 e á calada da noite inteira, mestas,
 as jaós soluçaram,
 e o urutau derramou nas fundas mattas
 seus gemidos humanos...
 Seu tumulto—o sertão! Ao lado em prantos
 o menino boróro
 se ajoelha e ora! Entorno, roxas, tristes,
 como insignias do martyr,
 o maracujá bravo ostenta as flôres,
 e por cima, piedosa,
 desdobra a espatha em flôr uma palmeira...

.....
 Ai! eu tambem que um dia
 a esse tronco arrimei a flôr vivace
 da rosea adolescencia,
 que por elle da terra foi subindo
 para Deus e o Infinito,
 eu tambem commovido ante essa tumba
 solitaria e selvagem,
 sobre ella em lagrimas esfolho os carmes
 da posthuma elegia...

Cuiabá, 20—12—1910.

Aquino Corrêa.

(*) Deus dos Boróros.



RECORTES

OS ultimos dias de novembro vieram com um desses factos que fazem abalar o mundo inteiro, arrebatam-nos da monotonia que nos dominava.

Queremos referir-nos ao movimento de revolta dos couraçados brasileiros, que teve como consequencia o desenlace tragico que toda a nossa patria sentiu, e que o nosso Estado supportou com lagrimas; e a imprensa sem excepção commentou—o trucidamento do Contra Almirante João Baptista das Neves.

Eis em que deu a indisciplina dessa marujada feroz—a morte de um dos filhos que Matto-Grosso se orgulhava em possuir.

Não queremos realçar nestas breves linhas os elevados meritos desse distincto conterraneo: todo o mundo sabe que as suas acções podem servir de um espelho a qualquer patriota; alem disso, a rectidão de character, a conducta exemplar, o cumprimento do dever e o amor à sua patria fallam bem claro a seu favor, sendo por isso sentidamente chorada a sua prematura perda.

Dorme, Baptista das Neves, na gelidez funerea de sua tumba! Sobre ella a patria soluça de dor e de saudade e saberá premiar os seus meritos!

Dezembro. Chegou o derradeiro mez do anno; cercado de uma tristeza que parece infinda.

E essa tristeza provem somente das continuas ameaças de chuva que sempre temos.

Ha muito não presenciámos o sol deitar-se a pouco e pouco no hori-

zonte, afagueado e rodeado de onduladas nuvens côr de rosa.

Agora, quasi sempre temos tardes tristes e nubladas; o céu está muitas vezes cheio de nuvens densas e negras, ameaçando chuva.

De vez em quando desce um aguaceiro, inundando as ruas da nossa cidade, onde, devido ao calçamento mal feito que possuímos, estagnam-se as aguas, formando lagôas, nas quaes, ao cahir da noite, os sapos e as rãs organizam seus concertos de *coaxos* e *rum-rum* atroantes.

Dezembro, apesar de ser o mez mais chuvoso para nós, e por consequente o mez mais triste porque com chuvas ninguem passeia, e nem ha divertimentos e festas, não deixa de ter os seus dias alegres.

Entre estes, vemos o da Conceição de Maria, dia de grandes festas e contentamentos entre os catholicos.

E a igreja festeja pomposamente, alegremente esse dia, festeja como só ella sabe festejar, fazendo do mundo uma sociedade e da sociedade uma familia que, em côro, então hymnos à candida mãe de Jesus.

Aqui em Cuiabá, a população não podia deixar de fazer pomposa e bella a festa de Maria Immaculada.

E é por isso que vimos o povo, em multidão, dirigir-se para a cathedra, onde o bimbolhar alegre dos sinos, espalhando ruidos multisonos pelo espaço intermino, chamava os fieis para que todos fossem em conjunto, prestar as homenagens devidas, cantar os louvores e fazer preces à Virgem dos céos. Depois a procis-

são sabiu á rua, onde, no meio da multidão, destacava-se a imagem sympathica e magestosa, attrahente e bella de Maria, alvo dos olhares de todos.

E é assim que a igreja festeja a Conceição da Virgem; festa que, por si só resume o elevado culto de que a festejada é sempre digna.

Não podemos deixar de, no meio da ligeira chronica de *coisas* que se passam entre nós, alludir a um facto, fructo de intrigas e de calumnias.

Queremos referir-nos ao boletim publicado pela immoral revista-pasquim que, de ha algum tempo aqui em Cuiabá se publica. O tal boletim não se contentando em tratar assaz baixamente da pessoa do Revm. Sr. P. Montuschi, procurou manchar a reputação do mais conceituado estabelecimento de ensino que possui o nosso Estado:—O Lyceu Salesiano "S. Gonçalo".

E este é o ponto que demonstra a maior calumnia do supradito boletim.

Dizer que o Lyceu Salesiano—para honra de Matto-Grosso equiparado ao Gymnasio Nacional—*é uma fabrica de exames*, nada é; provem os calumniadores essa asserção!

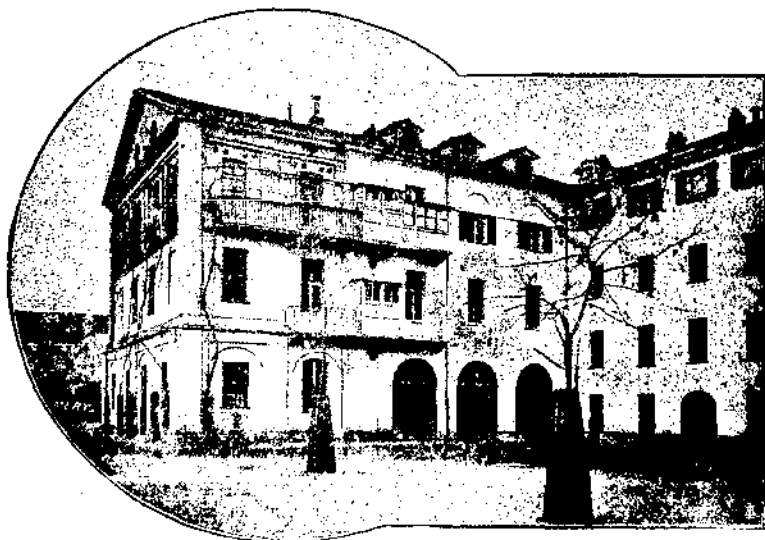
Si desse estabelecimento sahissem alumnos formados, que fizessem á toda prova, acreditar de serem TAPADOS, ainda se podia affirmar tal cousa; mas um estabelecimento, do qual sahem alumnos que brillam nas academias, na vida social, e que ainda vão ser professores do unico estabelecimento estadual de ensino secundario—o Lyceu Cuiabano, —merece a mais elevada estima e consideração.

Emfim, só quem tem bom senso e não é despeitado pode avaliar o alto grão de consideração e fazer qualquer observação sobre o ensino, o proceder, e sobre os exames do Lyceu Salesiano que são bastante apurados e mui rigorosos.

Mas... como o despeito e a inveja fazem tudo, deixemos correr o barco.....

P. M

Oratorio Salesiano onde morreu D. Rua



A bandeira do Brasil

Como é linda assim boiando
No fulgor do ethereo anil,
Com um zephyro tão brando,
A bandeira do Brasil!

Que de encantos não descerra
Na minha alma juvenil
O pendão da minha terra,
A bandeira do Brasil!

Vi sorrindo em grande gala
Mil pendões de cores mil,
Mas nenhum o mimo iguala
Da bandeira do Brasil.

Nossos pais eu vi curvando
A cabeça já senil,
Ao passar abençoando
A bandeira do Brasil.

Que és da Patria a doce imagem,
E's um manto senhoril,
E's de mãe uma roupagem,
Oh! bandeira do Brasil!

E' por isso que no peito
Vou gravar com o buril
O retrato mãe perfeito
Da bandeira do Brasil.

Como invejo um bravo alferes
Empunhando audaz, gentil,
Entre bellicos tangeres,
A bandeira do Brasil!

Vós ditosos, oh! soldados,
Que tombais no embate hostil,
Como heróis amortalhados
Na bandeira do Brasil!

Quem me dêra á cabeceira,
N'uma morte tão viril,
Junto á cruz, do céu bandeira,
A bandeira do Brasil!

Si meu corpo honrar quizerdes
Sepultai-o ao pé do hastil,
Sob as dobras auriverdes
Da bandeira do Brasil.

Deus te salve em toda parte
De perverso insulto e ardil,
Oh! meu fulgido estandarte,
Oh! bandeira do Brasil!

Que jamais iniquas obras,
Que jamais, um acto vil
Manche as tuas puras dobras,
Oh! bandeira do Brasil!

Mas de um povo bemfadado,
Rico, nobre e varonil,
Serás sempre o emblema honrado,
Oh! bandeira do Brasil!

A Eterna Moribunda

FANATISMO

ANTI-CLERICAL

Já no tempo de Santo Agostinho se dizia que a Igreja estava agonizante e desde então até hoje, nunca faltaram prognósticos desconsoladores. Ainda agora o atheismo apaixonado ou a indisciplina de espirito teimam em ver na grande instituição uma nobre tuberculosa, definitivamente condemnada a uma morte proxima. Poderão por ventura seus avariados pulmões supportar a fadiga de uma lucta sem tréguas a que obrigam a pobre doente não só a Sciencia com letra grande, como o liberalismo salvador de todas as tyrannias, inclusive a clerical que é de todas a mais sinistra?

E já agora a obra de liberdade vai caminhar de um triumpho estrondoso: com mais um empurrão, estará a caixa no porão.

E no caso vertente, a caixa é esse trambolho do catholicismo que tem a audacia de querer permanecer immovel, quando tudo muda; de querer ensinar sempre a mesma coisa, quando as philosophias variam da noite para o dia e as theorias scientificas vivem apenas as famosas manhas das muito conhecidas rosas de Malherbes.

Não é um desaforo sem nome esse granitismo doutrinario na vertiginosa corrente dos homens e das idéas?

E a caixa arrebatada do catholicismo tem de ir mesmo para o immenso porão do esquecimento onde se empoeirá pouco a pouco até se desformar de todo em um montão

de qualquer coisa indefinivel e imprecisavel . . .

E então respirará o mundo, livre do peso que o opprimia e tudo será liberdade, e igualdade, e fraternidade . . . um regalo!

Apenas uma coisa me intriga de véras e veni a ser que os prognosticadores da morte proxima do credo catholico se incommodam com elle, como se ainda lhe corresse quente nas arterias o sangue da primavera de sua vida, o sangue daquelles tempos, felizmente para sempre encerrados, em que ninguem lhe contestava o dominio das almas.

Valerá a pena tanta preocupação, e tanta hostilidade com a pobre enferma, tão gravemente ferida pelo progresso triumphante?

O Sr. Canalejas, na Hespanha, por exemplo, devia deixar agir o tempo . . . para que tanta ostentação de força, de tropas, para que tantos arreganhos ante a Curia Romana, desarmada e pobre? Que mal lhe pôde fazer um pobre velho, prisioneiro em um casarão, em uma cidade que lhe é hostil?

Tambem o velho Portugal deita energia e faz de valente com a Santa Sé, que teye a petulancia de pedir a um arcebispo a suppressão de um jornal catholico, cuja doutrina se desorthodoxisava a olhos vistos.

Na Italia, em Roma, na propria cidade em que está o casarão em que vive o prisioneiro, o grande pontifice de todas as velharias e obscurantismos, em que bate já tão fraco, em irrecusavel estado de asystolia, o coração do retrogradissimo, em

Roma também não é menos intensa a preocupação pela moribunda, cuja morte está para cada hora. Também lá, parece que ha susto de que ella se levante da cama para escurecer tudo outra vez, syncopando o progresso que deu tanto trabalho a crear e que já está tão crecidinho e tão sabido. E' assim que na "urbs" tão gloriosamente conquistada por Garibaldi, continua o famoso *con-dottiere* do alto do Janiculo a ameaçar o Vaticano. Giordano Bruno é objecto de verdadeira adoração e de peregrinações libertadoras. Victor Manuel foi guindado a cathedra deiforme e no Capitolio troveja o pai Natlian, que realisarà a obra do grande Juliano, não deixando ficar pedra sobre pedra da secular bastilha do pensamento humano.

Quanto á França, a obra está completa: della se pôde dizer que enforcou o ultimo rei, na tripa do ultimo frade, porque lá já não ha nem frades, nem reis, nem limpeza completa. . . . Agora ella bem pôde cantar a plenos pulmões:

«—*Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé...*»

Porque, pensando bem, que raio de gloria pôde querer mais a França?

E, entretanto, vê-se bem que a terra do Sr. Combes ainda tem medo da moribunda e a prova está nos repetidos processos aos bispos e aos padres que não rezam pela cartilha dos Srs. Payot e companhia.

Toda a raça latina no Velho Mundo exulta de alegria, pelo menos finge exultar, porque o clericalismo bate em retirada. Infelizmente, nem toda a gente segue a mesma corrente de idéas: ha quem veja neste fanatismo anti-clerical um symptoma alarmante de decadencia e de ruina.

Para testemunho do que digo, basta citar a opinião de um homem,

eminentemente pratico, em relação ao anti-clericalismo francez. Vale a pena ler neste sentido uma carta de Bismarck, que appareceu no correr do processo por elle movido contra o conde d'Arnim, em 1874:

" Os conservadores são em França os mais esclarecidos, os mais honestos e os mais patriotas; são também os mais oppostos ás idéas anti-sociaes e anti-religiosas, que neste paiz têm feito tanto progresso, tantos illudidos e tantos criminosos. São elles sómente a lutar contra a corrente que arrasta a França ao paganismo; isso basta para que elles vivam em luta contra o odio e a calumnia, não só da população como da burguezia, que tem o espirito fechado a todas as questões elevadas de politica e de religião: esta burguezia só lê o que publica um jornalismo inventado para adular-a. Explore este estado de cousas. Faça muitas vezes fallar nos jornaes, do perigo da reacção, dos crimes do absolutismo, do infame direito de senhor, da dizima, da inquisição, de tudo isso, como se tudo isso tivesse realmente existido ou pudesse voltar. Falle sempre dos abusos do clero. Diga que com os conservadores a religião não sómente seria protegida, como ainda imposta, que toda a gente seria forçada a ir á missa e até mesmo seria obrigada a confessar-se.

Taes declarações e taes tagarellices produzirão sempre effeito nas massas ignorantes e imbecis, ás quaes o suffragio universal entregou a sorte da França. Entretenha o medo do espantallho realista e clerical, fazendo propagar as calumnias e os preconceitos que deram origem a este medo.

As pessoas intelligentes sabem que o antigo regimen, suppondo verdadeiro o que de falso d'elle se diz, nada fez de comparavel ás convul-

sões da França, desde 1789, aos massacres de 1793, ás jornadas de junho de 1848, ás pilhagens, aos assassinatos, aos incendios da Communa, em 1871. Mas o povo tem seus jornaes que o convencem de que tudo isso é progresso.

Com os burguezes, dar-se-á a mesma cousa. E' verdade que quando elles vêm arder a casa do visinho, têm medo de que lhes succeda o mesmo; só então reflectem que os conservadores e os clericaes nunca são encontrados entre os incendiarios e os revolucionarios, nem mesmo entre aquelles que os desculpam ou os estimulam, que os principios religiosos são a melhor garantia da ordem e da probidade. Mas o espirito de opposição, innato em França e o fanatismo anti-religioso, são tão fortes que, uma vez passado o perigo, elles continuarão a desconfiar das victimas e a votar nos culpados. Continuarão nossos auxiliares, elegendo eternamente os Clemenceau.

E quer o meu amigo que eu tema, no futuro, uma *revanche* da França!

Tranquillise-se; esta nação está condemnada á morté.

Ella terá o que merece . . . "

Note-se que eu não acceito os excessos de linguagem de Bismark: creio que a França tem uma missão providencial no mundo e que sahirá victoriosa da crise em que se debate.

Entretanto, ninguém negará que o fanatismo anti-clerical é um fermento de dissolução e um germen de tyrannia . . .

No dia em que os catholicos deixarem de resistir, serão immediatamente supprimidos: vontade de acabar com elles, não falta. O muito emancipado e livre-pensador Sr. P. Iglesias, na Hespanha, acha que contra o conservador e catholico Sr. Maura, tudo é licito. Realmente, dias depois, era este grande homem alvejado por um revolver assassino ...

Como se vê, é a mesma politica inquisitorial, dos mãos teimpos e dos abusos da inquisição, só com a differença de que outr'ora tudo era trévas e hoje tudo é luz e progresso.

OLIVEIRA E SILVA.



Tormenta

*Noite sinistra!... A lua desmaiada
Espavorida esconde-se nos céus...
Sanhaudos, furibundos escarceus
Levantam-se de bocca escancarada!...*

*Irado, forte, o trovão freme, brada
Desenfreado como mil lebreus!...
De labio em labio o nome do bom Deus
Paira com força mystica, sagrada!...*

*Bramindo e soluçando corre o vento,
Formando trombas negras, horrorosas.
Pavor impondo ao proprio firmamento!...*

*A chuva tomba em quedas allerosas!
Tétrico furacão, doido tormento,
Prende a natura em garras tenebrosas!...*

Aquidauana, 14 de Setembro de 1910.

JOÃO NUNES DA CUNHA.



Sala onde morreu D. Rua



A Prophecia

ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Avisinhava-se rapidamente a noite; tinha-se levantado um vento proceloso, que impeliu furiosamente e escancarou uma janella. Os cinco artistas enflamados de colera e de vinho pareciam mais demonios do que homens; e o objecto de seu satânico furor era o pobre e santo religioso. Ora agarrado estreitamente sobre a cadeira, ora impellido contra a mesa, ora empurrado, pouco depois arrastado e posto de novo a assentar-se todo atordoado; porém firme sempre em sua resolução, não via em torno de si mais do que olhos furibundos que o fulminavam; outra coisa não via que bramidos de maldição, de ameaças e de insultos.

André Both lhe chegava aos labios um copo de vinho, e Orlando Van Laar queria obrigar-o a comer carne. Pedro um pouco mais sobrio, e inquieto com a ferocidade de seus companheiros procurou persuadir o religioso a render-se. Nicolão continuava a tentar abrir-lhe forçosamente a bocca; o bom religioso resistia em silencio, e a cada momento de tregoa se lhe ouvia orar: Meu Senhor, livra o teu servo, e perdoa-lhes!

Esta scena repugnante já durava mais de meia hora, quando Pedro Van Laar, o unico rasoavel d'aquella campanha, esforçou-se por refrear os seus socios. — Oh! isto é demais exclamou; deixae que este pobre homem se vá embora, jurando elle não atraiçoar-nos.

— Impossivel! disse Nicolão. Depois do acontecido estamos muito expostos; agora poder-nos-ha accusar de tel-o acommetido.

— Não, não! deve peccar connosco,

senão quizer tomar conhecimento com os nossos punhaes.

E assim dizendo desembainhou o seu, e todos fizeram o mesmo, a excepção de Pedro que exclamou: — Como, um homicidio! não sabeis que é um *homicidio* que pretendéis fazer! Quereis tornar-vos assassinos? arruinar-vos para sempre!

Estas vehementes palavras delivérão os punhaes, e o frade teve tempo de dizer: — com quanto Srs. tenhaes abandonado a Igreja, todavia conservaes ainda a Biblia. Deus vos vê! Foi Elle que disse: — «Aquelle que ferir com a espada, perecerá pela espada.»

— Diz uma verdade, exclamou Pedro agonisante entre o remorso e o terror. Abaixo estas armas, não quero assassinos, nem homicidios em minha casa.

— O Tibre, sim o Tibre! exclamou Nicolão, que não se refreava em sua embriaguez furibunda; e arrastando o pobre frade saltou sobre o parapeito da janella. — O Frade nos atraiçoará, disse André Both, nos entregará á inquisição, accrescentaram João e Orlando.... e assim flagellados pelo proprio furor, levantaram o pobre religioso e o suspenderam fóra da janella.

— Meus Deus! principiava dizendo o santo homem.... mas a sua moribunda oração foi suffocada pela tempestade que já assoberbava; e um momento depois, a agua do rio espadanando violentamente, disse que a malicia e a impiedade tinham iniquamente triumphado.

Pedro Van Laar não tomara parte alguma naquelle crime, com quanto não tivesse movido um dedo para impedil-o. Esteve por alguns minutos apoiado sobre

a janella; não vendo porém outra coisa mais do que a noite tempestuosa, fechou-a apressadamente, e voltou-se para os companheiros, que fatigados se tinham ido sentar, aqui e acolá.

Mais de um quarto de hora passou-se em sombrio silencio. Van Laar o interrompeo dizendo:

—Que fizestes?!

Nicoláo sómente achou coragem bastante para responder.

—Praticamos de certo uma acção bem triste, disse; mas parece que agora não temos nada a temer.

—Nada, replicou Van Laar, se não é descoberto o crime.

—O crime! repetiram os outros a uma voz, olhando-se reciprocamente com terror; e recabiram em seus lugubres pensamentos.

Disgostosos e afflictos, os artistas voltaram ás suas casas sem mais pensarem em estar alegres ou em banquetcarem-se. Em vez de procurarem-se, como antes costumavam fazer, se evitavam um ao outro com horror. Ainda mesmo que se tivesse achado o cadaver do franciscano, e estivessem seguros de que nenhuma suspeita recairia sobre elles, nada era capaz de dissipar o turvamento que lhes cobria a fronte.

Van Laar annunciou que negocios importantes o chamavão á Allemanha: Os outros declararão tambem que partirão de Roma, cuja residencia se lhes tornava desde então odiosa; e se preparavão todos a partir.

—E' ao menos uma fortuna, disse Van Laar, que não tenhais manchado as mãos no seu sangue; por quanto recordai-vos que «aquelle que fere com a espada perecerá pela espada» Elle vol-o disse, e as palavras de um moribundo são terríveis.

—Qual! disse Nicoláo com desprezo: superstições! contos de espantar meninos! Sendo assim, deveremos todos morrer afogados, e soltou loucamente uma gargalhada; mas esta não achou echo nos seus companheiros, antes os fizeram cada vez mais tristes, e levantando-se a um tempo disserão; não fallemos mais nisto; partamos, e quanto mais breve melhor.

No dia seguinte os cinco amigos se separarão. Nicoláo Van Laar partio para a villa de um nobre romano que lhe devia uma boa somma de dinheiro por alguns

quadros, que tinha pintado. Cavalgava uma mula, e passando sobre uma ponte a mula tropeçou, e elle foi lançado ao fundo de uma torrente formada pelas ultimas chuvas copiosas. O seu cadaver foi conduzido a seu irmão Pedro, no momento em que estava preparando os banhos para partir; e depois das exequias, tanto elle quanto o seu amigo João Both partirão para a Hollanda.

Orlando Van Laar, e André Both, em um accesso de extranha melancolia, se tinham posto em viagem, aquelle para Genova, e este para Veneza. Nem um, nem outro erão destinados a tornar a ver o seu paiz natal. Seis mezes depois, Pedro Van Laar recebeu a noticia de que seu irmão Orlando se tinha afogado em Genova.

Na primavera do anno seguinte, João Both, quando abria o seu estabelecimento em Utrechtão em um plico, que lhe fôra enviado da Italia, a narração da morte accidental de seu irmão André, que se tinha afogado em Veneza.

A este manifesto juizo de Deos, parece que aquelle desgraçado cheio de horror e de remorsos perdeu miseravelmente o juizo. Acabrunhado de angustias e desesperações sabio do estabelecimento, se pôz a correr pela rua como maníaco, e se precipitou no Rheno.

De todos os seus culpados companheiros não restava agora mais do que Pedro Van Laar. Elle, que out'ora era o mais alegre d'entre todos, passava uma vida miseravel, de peso a si e a quantos o cercavão, consumindo na melancolia e em vãs meditações sobre o passado aquelle tempo que, como o menos culpado, parecia que Deos lhe concedesse para chegar ao arrependimento e á correcção. Mas o paciente Deos não espera para sempre: Elle bem pôde, sim, estar á porta, bater uma e outra vez, e por quantas estejamos delle desviados, outras tantas repetir os seus convites; porém chega depois a hora em que elle se retira lentamente, e bem que desejoso de tornar não volta mais. O peccador fica então entre a sua debil vontade e aos estímulos internos do espirito maligno.

Fassim aconteceu á este homem devorado dos remorsos, mas não arrependido; por quanto em a Quarta-feira de Cinza do anno de 1673, tendo-lhe o cozinheiro trazido para a meza um prato de presunto, Pedro Van Laar levantando-se

repentinamente e lançando um grito desesperado, sahio correndo de casa, e foi afogar-se.

Em verdade vos digo, que as ultimas palavras do bom frade receberam um terrivel complemento.

A vingança de Deos contra o homicidio se tornou entre os homens uma pro-

verbio; as vezes elle pune nesta vida mesmos alguns delictos menos detestaveis, como para revencidar ainda neste mundo o seu eterno dominio, e patentear a suas creaturas alguns daquelles tremendos juizos, reservados aos impenitentes na vida futura.

(Traduzido)

Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai

De Itapicú uassú para cima

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVIÃO de MENDONÇA

IV PARTE

(Continuação)

Adiante 1 milha está a pequena ilha do *Sargento*, muito perto da m. d.; o braço da esquerda, por onde se navega he muito largo (150 braças), e baixo, he preciso cuidado em seguir o canal em que achão-se 10 palmos e mais de fundo.

Em seguida, navega se, sem inconveniente por espaço de 7 a 8 milhas, até a bocca da bahia de *Tamengo* ou de *Cuceres*; logo adiante está a povoação de *Albuquerque*, chamada tambem *Corumbá*. A alta margem direita sobre a qual está edificada, termina-se por uma praia de pedregulho e pedras, que exige alguma cautella, não havendo mais que 5 palmos de fundo, em alguma distancia da beira do rio. Logo abaixo, ha hum penedo que descobre estando baixo o rio, está mais proximo da m. e. do que da m. d.; no canal deste lado achão-se 9 palmos fundo de pedra; no outro que se deve preferir,

posto que seja mais estreito, ha 12 e 16 palmos fundo de areia.

Seguem-se, em curta distancia, 2 ilhas chegadas a m. e.; passa-se á direita d'ellas por fundo de 25 á 30 palmos; he bom não aproximar-se muito da m. d. que não he limpa. Mais abaixo ha outras duas ilhas; o canal da esquerda he o mais largo e fundo; entretanto o da direita tem 15 palmos e mais; adiante está a ponta do *Ladario* que dista 5 milhas do *Corumbá*.

Passada a dita ponta navega-se 5 milhas por fundo de 20 a 30 palmos até a ilha que se deixa á esquerda; 1 milha adiante ha outra que se deixa á direita. Logo abaixo desta está a ponta da *sera do Rabicho*, á qual deve-se dar algum resguardo por ser o fundo de pedra. Pouco mais de 1 milha abaixo do *Rabicho* vê-se na m. d. huma corixa por onde em tempo de agoas entrão no Paraguai as canoas que sahindo da Freguezia de Albuquerque, vem pelo alagado campo que medea entre o rio e a face oriental da Serra do Rabicho. Ahi atravessão o rio entrão n'huma bocca de bahia que se vê fronteira na m. e., e navegação pelo inundado terreno da dita margem até defronte do *Corumbá*. Estando o rio bem cheio podem, mesmo, da bocca da bahia, navegando a Norte hum pouco para Oeste, ir procurar o alveo, no lugar da *Falha grande* 2 milhas mais abaixo, ha humha ilha, e um baixo perto da m. e. e logo adiante está a bocca inferior do Paraguai-mirim.

A navegação pelo *Paraguay-mirim*, he de 20 e tantas milhas mais breve do que pela madre; entretanto he pouco frequentada, porque o leito deste braço, em partes muito estreito, acha-se ás vezes intupido de tapagens de agoapés, e outras plantas aquaticas; e, no tempo das agoas,

he preciso muita experiencia para acertar o verdadeiro canal que facilmente se confunde com as muitas bahias que recortão os alagados terrenos das suas margens. Com tudo direi que subi uma vez por elle sem outro inconveniente mais que perder hum dia de viagem navegando por um canal que persuado-me ser hum braço do Taquari que afflue, no dito Paraguay-mirim.

Dahi para baixo augmenta-se o fundo e diminue-se a largura do rio. Em distancia de 2 milhas nota-se na m. d. humba baixada que he entrada, mais limpa do que a corixa de que acima falei, para navegar em linha recta para Albuquerque pelo campo. 1 Milha adiante está a ilha da *Porquinha*, que tem hum extenso parcel pelo lado de Norte; porem entre este parcel e a m. e. ha bom canal com 50 palmos de fundo. O braço da direita tem escassamente 10 palmos e he muito estreito.

Meia milha abaixo da ilha da *Porquinha*, a qual tem 1 milha de comprimento, ha na m. e. uma bocca de bahia e pouco mais de 2 milhas adiante, humba ilha que dá passagem por ambos os lados com 15 palmos e mais de fundo; 1 milha mais abaixo entra na m. e. o *Formigueiro*, braço do Taquari.

Quasi 3 milhas abaixo do Formigueiro, passa-se por qualquer dos lados com 15 palmos de fundo, humba ilha de 1/2 milha ou pouco mais de comprimento.

Com andar de 3 1/2 milhas, descrevendo o rio huma notavel sinuosidade, e tendo sempre fundo de 40 palmos para mais, chega-se á foz do rio *Negro*; que entra na m. e.

Do rio Negro para baixo navega-se em 30 palmos de fundo, em distancia de 2

milhas ha humba ilha muito encostada a m. d.; 2 milhas adiante, ha outra que se deixa á esquerda; tem quasi 1 milha de comprimento. Abaixo della nota-se humba estreiteza do rio em que achão-se 90 palmos de fundo.

Dahi até abaixo da seguinte ilha, que dista 1 milha, e outra milha tem de comprimento, he preciso toda a cautela, por quanto encontrão-se neste espaço e até perto de 1 milha abaixo da ilha, diversos bancos de barro compacto e duro como pedra, os quaes deixão entre si pelo lado esquerdo um estreito canal em que se achão 15 palmos e mais de fundo. Convem mandar adiante humba canoa reconhecer a direcção do dito canal. Pelo lado direito ha também alguns bancos de de barro e o fundo he menor. Pelo travez da ilha ha na m. e. hum bosque de cambarás que fez dar a este lugar o nome de *Cambarazal*. Passados os ultimos bancos que, como disse, extendem-se do lado esquerdo até quasi 1 milha abaixo da ilha, navega-se 2 milhas por fundo de 20 palmos até a mais meridional e principal bocca do rio Taquari.

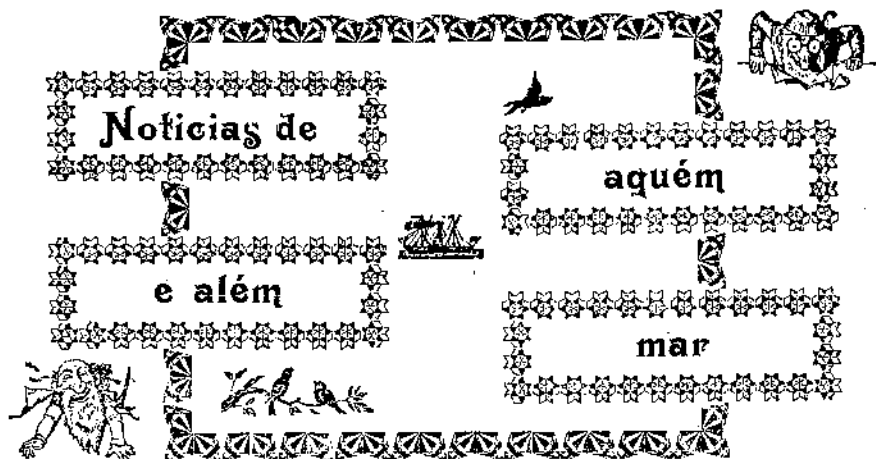
1 1/2 Abaixo do Taquari ha na m. d. hum baixio a que se segue logo outro na opposta margem; chega este ultimo quasi até o meio do rio, e tem como 1 milha de comprimento.

Adiante 3 milhas, tendo-se passado duas boccas de bahia na m. e., chega-se á pequena ilha do *Aboboral*; no braço direito acha-se, em partes, menos de 10 palmos de fundo; o braço esquerdo he mais largo e melhor.

Logo abaixo da dita ilha notava-se humba bocca de bahia na m. e.

(Continua)





Delegacia Geral de Estatística

Do Exmo. Sr. Maurio Muniz Guimarães esforçado e operosissimo Delegado Geral de Estatística em o nosso Estado recebemos o honroso e patriótico officio que abaixo publicamos.

Illm.º Senr. Redactor da Revista Matto-Grosso.

Tendo solicitado e obtido exoneração do cargo de Delegado da Directoria Geral de Estatística neste Estado, cabe-me a honra e dever de agradecer a essa illustrada Redacção, o appollo franco e patriótico, que prodigou á installação do serviço censitario nesta futura zona da grande União.

Oxalá as palavras do vosso conceituado organ tão esclarecidas e repassadas de culto civismo, hajam logrado banir de tantos espiritos os inveterados preconceitos adversos á lei do Recenseamento, que são nossos mais sinceros votos, plena e conscienciosamente se realise para honra e gloria da nossa Patria.

Acceitai, pois, Senr. Redactor, juntamente com as minhas despedidas, os applausos mais agradecidos e os protestos de uma alta estima e consideração.

Saude e fraternidade

Maurio Muniz Guimarães

Delegado de Estatística

Extintor de incendios

Os jornaes europeus scientificam-nos q' uma importante invenção do Rdo. Padre

Daney; que vem, mais uma vez, comprovar como o clero, em nossos dias, continua a manter saliente posição no campo das sciencias; posição allás que sempe occupou como a historia cabalmente nos demonstra.

«Numa praça de Bordeos fizeram-se com feliz exito as experiencias do extintor de incendios, inventado pelo Padre Daney.

Estavam presentes ao sensacional experimento dez mil pessoas. Notava-se entre outras o representante do Exmo. Sr. Arcebispo; todo o estado maior do corpo dos Bombeiros da grande capital da Girona. Lá estavam mais de trezentos padres e clérigos e grande numero de *maires* das comarcas visinhas e muitos proprietarios de vastos pinheirões.

Fez-se immensa fogueira de 100 feixes de lenha embebida com 250 litros de essencias, 100 litros de kerozene, 50 kilos de alcitrão e de azeite, formando um montão de 12 metros de altura e subindo a chama a trinta metros. Pois esse grande fogo com o invento do P. Daney apagou-se em dois minutos. Outro fogo ficou extinto em 3 segundos.

Os commandantes de corpo dos bombeiros e os technicos declararam que as experiencias eram maravilhosas e concludentes.

O Rdo. P. Daney tem sido muito felicitado.

E' mais um sacerdote que vem prestando relevante serviço á humanidade e á sciencia.

O Papa Pio X e a primeira Comunhão das crianças

O Santo Padre, no intuito de chamar a Jesus Christo os meninos desde os mais tenros annos e para que assim encontrem um amparo contra os perigos da corrupção, julgou opportuno estatuir o seguinte a guardar-se, em todo o mundo, acerca da primeira Comunhão:

I A idade da discrição para a Confissão e Comunhão, é aquella em que o menino começa a raciocinar, isto é, pelos 7 annos, pouco mais ou menos. Então começa a obrigação de satisfazer a ambos os preceitos da Confissão e Comunhão.

II Para a primeira Confissão e primeira Comunhão não é necessario um conhecimento pleno e perfeito da doutrina christã. O menino irá depois gradualmente aprendendo todo o catecismo, segundo a sua intelligencia.

III O conhecimento da religião que se requer no menino, para a primeira Comunhão, é aquelle em que, segundo o seu desenvolvimento percebe os mysterios da fé necessarios por necessidade de meio (*necessitate medii*) e distingue o pão eucharistico do pão commun e corporal, de sorte que se chegue á Eucharistia com a devoção propria da sua idade.

IV A obrigação do preceito da Confissão e Comunhão que liga o menino, recae principalmente sobre aquelles que o tem ao seu cuidado, isto é, os paes, o confessor, os mestres e o parochio. Aos paes, porém, ou aos que fazem suas vezes e ao confessor é que pertence admitir um menino á primeira Comunhão.

V Uma vez ou mais no anno, cuidem os parochos de fazer alguma Comunhão geral de meninos, chamando a ella não só as crianças que commungam de novo, mas tambem aquellas que já tinham commungado antes pela primeira vez, por consentimento dos paes e do confessor, como dissemos. Para umas e outras haja alguns dias de instrucção e preparação.

VI Os que tem a seu cuidado as crianças devem fazer com que, depois da primeira Comunhão, se cheguem muitas vezes á Sagrada Mesa, e, se possivel fôr, todos os dias, conforme o desejo de Jesus Christo e da Igreja, e o façam com devoção propria da sua idade. Lembrem-se aquelles a quem, isto pertence, do gravissimo dever que tem de providenciar para que ás catecheses publicas assistam os

meninos ou ao menos provejam d'algun modo a sua formação religiosa.

Uma estatua

Em junho ultimo, quando se abriam os alicerces de uma nova casa em Roma, nas proximidades das Thermas de Trajano, foi encontrada a oito metros do nivel da calçada, uma bella estatua, de dois metros e trinta centimetros de altura.

Compõe-se ella de dois blocos tallados em materia differente e de differente valor. A cabeça e um pedaço do braço direito são esculpidos em excellente marmore de Paros, o resto porém o é em pedra inferior.

A cabeça dá-nos um admiravel retrato de Augusto.

O artista representou o seu modelo no natural: a bocca é forte e vigorosamente desenhada, as orelhas largas e despregadas; os cabellos curtos, espalham-se na testa em mechas irregulares e caem um pouco para as temperas.

O modelado da testa, das faces e do queixo dão a impressão nitida do real; o nariz, muito fino, está intacto como por milagre. O porte da cabeça é, a um tempo, magnifico e simples. A estatua é de Augusto, jovem ainda, mas todo poderoso já; a reflexão a vontade e a segurança exprimem-se por todos os seus traços vê-se que elle está penetrado de sua função soberana, sem parecer, contudo, sentir-lhe o peso como quem se houvesse por feito para ella. Augusto é aqui naturalmente grande, ou, com mais acerto, extremamente distincto. Não ha nada mais individual e, ao mesmo tempo, mais imperial. Contempla-se sem cansaço aquella formosa imagem, calma e profunda, adivinha-se que ella é uniforme á realidade; sente-se que ella eguala a historia. O governo italiano, que já se apropriou desse precioso achado, guarda-o provisoriamente no Museu Nacional das Thermas.

Telephonia sem fios atravez da terra

Acaba de fazer-se uma experiencia de telephonia sem fio atravez da terra, que deu os mais satisfactorios resultados.

Para theatros desta interessante experi-

encia foram escolhidos os subterraneos de Chislehurst, a centenas de pés abaixo da crosta terrestre. Na collina que se ergue sobre estas grutas foi installado um apparelho que se assemelha muito a uma machina photographica; era um posto telephonico, cujos fios entravam na terra. Nas grutas foi adaptado um apparelho analogo á parede. A terra representa o papel conductor, e, por meio de uma bobina de indução a corrente passa de um apparelho para outro, o que torna possiveis as communicações entre a superficie e as entranhas da terra. Tais são as características principaes deste apparelho.

(Do "Portugal em Africa")

Mais um ignorante

A questão de limites entre o Equador e o Perú é um dos litigios mais serios das republicas americanas. Foi nomeado arbitro o Rei da Espanha. E sabem quem foi escolhido e encarregado pelo governo equatoriano do Presidente Alfaro bem insuspeito de clerical e ultramontano, para estudar a fundo os seus direitos territoriaes no Archivo das Indias, em Sevilha?

Um Dominicano, o R. F. Frei Henrique Vacas Galindo! Um frade!

E esse frade, ex Provincial de Quito, que passou os seus melhores annos percorrendo a pé por entre as flechas das hordas selvaticas as impenetraveis florestas do Perú e do Equador, pode hoje comprovar com cem volumes *in folio* de documentos as convicções praticas do direito de sua nação.

Pelo seu curioso e admiravel Mappa equatoriano, o humilde frade recebeu na recente Exposição Universal de Sciencias e lettras do Equador uma medalha de ouro e um Diploma de honra e primeiro premio.

(Do "Correio Catholico")

Logica terrivel

Uma creança de 13 a 14 annos matou outra de 12 para lhe roubar umas pequenas moedas. Essa creança, precocemente convertida em fera, foi presa e levada ao tribunal.

Juiz.—Porque commetteste semelhante crime?

Accusado.—Eu desejava que elle me desse o dinheiro que tinha; e não m'o queria dar.

Juiz.—Então não te envergonhaste de ferir o companheiro por um tal motivo?

Accusado.—Envergonhar-me de que, se ninguém me via?

Juiz.—Não tinhas medo dos remorsos da consciencia?

Accusado.—Consciencia! . . . nunca a vi. Algumas vezes me disseram que a havia, mas nunca m'a mostraram. E o senhor inspector que veio de Paris disse na escola, diante de rós todos, que não se devia crer senão ro que se *via* e no que se *apalpava*; e que os clericaes, agora expulsos de toda a parte, são inimigos da sciencia, porque pensam o contrario.

Juiz (embaraçado).—Mas não vos disseram na escola que o assassinio e o roubo são condemnados pela moral? . . . que é um *dever* respeitar a vida e a propriedade e que este respeito é a verdadeira religião?

Accusado.—E' verdade, senhor juiz; mas nunca me disseram porque razão isso era um *dever* e como é que ainda ha uma religião agora que já não existe Deus. E, alem disso, senhor juiz, quando o mestre me diz, em m'o explicar, que é um *dever* respeitar a propriedade, este engana-se, porque o senhor inspector, que sabe mais do que elle, nos ensinou o contrario, dizendo: "Só temos o direito de gozar d'aquillo que a coragem nos leva a tomar e a força conserva em nosso poder; no emprego da força está o *dever*, e na sua extensão o *direito* . . ."

Quando afinal o juiz lhe declarou que o seu crime merecia a pena de morte, soube responder:

«A morte! Mas é justamente ali que está o meu interesse. Tinha um tio que se enforcou, e um irmão que pregou um tiro nos miolos, porque já não tinham dinheiro para se divertirem e não tinham pachorra para viver. Se me mandarem para a cadeia por muito tempo, farei o mesmo. Que peço eu com isso? Lá na escola diziam-me que só os clericaes acreditam que nem tudo acaba com a morte. Quanto a mim, sei muito bem, que depois de morrer não soffrerei mais do que um animal que arrebenta.»

E' terrivelmente logica esta linguagem. Quando se estabelecem os principios, as consequencias são fataes. Se não ha Deus, nem consciencia, nem vida futura, não ha razão para ser homem honrado, para evitar o roubo e o assassinio; os remorsos são uma illusão, o *dever* é um vexame, os prazeres e a satisfação dos sentidos e das paixões ficam sendo a aspiração suprema da vida.

Observações feitas as Oh. M. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E

transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT. = 22° 54' 32" S. LONG. = 43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE = 64m, 150

Hora local 9 h. 07^m a.

Setembro 1910	Barometro		Thermometro						Vento		Estado atmospherico	Meteoros	Nuvens quantidade
A 0°	Secco	T - T°	Humidade relativa	Tensao do vapor	Maxima	Minima	Oscillação da temper.	Direcção	Força (escala Beaufort)				
1	61.9	20.8	2.6	76	13.90	22.0	19.7	2.3	ENE	4	b	x	4
2	56.4	18.8	0.6	94	14.41	23.2	18.8	4.4	NNW	2	b	x	2
3	54.3	20.5	1.8	83	14.96	26.3	17.7	2.6	NW	2	b	x	2
4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	58.0	21.7	1.4	87	16.86	22.7	20.2	2.5	NNE	2	b	x	2
6	58.5	21.2	2.3	78	14.69	24.6	17.8	6.8	N	2	i	x	2
7	62.3	20.2	3.2	71	12.47	21.9	19.8	2.1	SE	4	a	x	4
8	58.0	19.9	2.4	77	13.40	20.9	19.8	1.1	x	0	b	x	0
9	58.9	20.4	1.0	91	16.13	23.0	18.3	4.7	NNE	2	i	x	2
10	60.5	20.0	1.2	88	15.42	22.1	19.8	2.3	x	0	a	x	0
11	60.2	19.5	0.4	96	16.10	29.0	19.2	9.8	SSE	2	s	ch	2
12	57.1	21.2	2.2	80	15.00	21.3	19.1	2.2	ENE	3	a	x	3
13	55.6	22.8	2.0	82	17.04	20.2	19.7	0.5	x	0	i	x	0
14	56.0	21.9	1.8	84	16.40	20.7	18.3	2.4	NW	2	a	x	2
15	54.8	24.3	3.8	69	15.61	29.3	21.0	8.3	NNW	3	a	nt	3
16	58.1	22.4	1.6	86	17.29	29.6	20.8	8.8	x	0	a	x	0
17	56.1	20.3	3.0	72	12.86	24.1	20.8	3.3	SW	3	a	x	3
18	61.5	18.1	3.4	67	10.40	20.2	15.4	4.8	WSW	1	a	x	1
19	61.5	18.4	3.0	71	11.19	19.9	14.9	5.0	x	0	a	x	0
20	63.3	19.2	2.8	73	12.19	25.7	15.5	10.2	NE	1	a	x	1
21	51.0	22.2	3.0	74	14.71	20.9	18.0	2.9	WNW	2	b	x	2
22	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
23	61.5	20.7	2.4	78	14.19	28.3	18.9	9.4	NE	2	b	nt	2
24	54.6	19.4	1.6	84	14.16	24.1	18.4	5.7	NNW	2	i	chs	2
25	55.7	20.6	3.0	72	13.13	23.5	18.1	5.4	WNW	2	a	x	2
26	56.2	20.0	2.2	79	13.80	24.1	18.8	5.3	NE	2	a	nt	2
27	56.1	18.8	0.8	92	14.87	21.3	18.6	2.7	NNE	2	a	nta	2
28	54.2	22.2	1.8	84	16.73	27.7	17.2	10.5	x	0	i	uv	0
29	56.0	21.4	32.2	34	7.01	24.6	20.0	4.6	a	0	a	x	0
30	59.8	18.3	1.2	83	6.82	23.8	18.5	5.3	SE	2	a	x	2
MED.	57.8	21.9	2.4	78.7	13.99	23.8	19.0	4.4	—	1.6	—	—	1.6

Observações particulares

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

**Em Cuiabá, Estado de Mato-Grosso, Director Padre M. G.
de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese**

Observações feitas durante o mez de Setembro de 1910.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m, 02 LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m., hora local

TABELLA I

Setembro 1910	Pressão barometrica reduzida á 0° cent.					Temperatura centigrada, á sombra				TEMP. SOL OSCILLACÃO	Humidade relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	46.23	42.82	43.08	44.04	3.41	27.4	32.5	22.3	10.2	19.1	53	26	45	41.3
2	43.07	42.26	44.30	43.21	2.04	28.5	34.0	23.1	10.9	17.6	49	25	39	37.7
3	44.76	43.99	44.98	44.58	0.99	29.2	34.3	24.2	10.1	10.7	51	46	57	51.3
4	48.03	45.74	46.00	46.59	2.29	25.7	29.7	21.8	7.9	12.2	66	53	62	57.0
5	45.75	45.35	45.63	45.58	0.40	24.5	27.6	21.4	6.2	17.7	71	58	66	65.0
6	46.50	44.40	44.96	45.26	2.10	24.9	28.5	21.3	7.2	15.3	74	35	59	56.0
7	44.26	42.73	44.12	43.70	1.53	26.6	31.0	22.1	8.9	13.3	69	49	49	55.6
8	45.22	43.23	43.42	43.99	2.09	27.3	31.5	23.1	8.4	11.6	66	45	53	54.7
9	45.87	43.39	45.03	44.76	2.48	30.6	34.2	27.0	7.2	11.7	59	38	56	51.0
10	45.60	43.76	45.93	45.09	2.17	31.2	35.0	27.4	7.6	15.4	58	43	92	64.3
D. 1 ^a	45.53	43.76	44.76	44.68	1.95	27.5	31.8	23.3	8.4	13.8	61.6	41.9	57.2	53.3
11	45.15	42.33	42.61	43.38	2.82	29.2	33.9	24.4	9.5	12.5	76	49	61	62.0
12	43.50	40.68	41.74	41.97	9.82	29.1	33.4	24.7	8.7	11.7	73	39	52	54.7
13	43.12	40.16	41.75	41.68	2.96	30.4	34.5	26.4	8.1	11.1	66	43	53	54.0
14	43.31	41.22	42.67	42.39	2.09	31.2	34.9	27.4	7.5	12.0	60	36	47	49.0
15	45.20	44.90	46.84	45.65	1.94	32.0	36.0	28.0	8.0	7.7	55	47	59	53.7
16	48.74	48.66	49.08	48.63	1.02	26.7	31.5	21.9	9.6	10.3	63	89	61	71.0
17	49.89	47.39	46.38	47.89	3.51	24.3	28.0	20.5	7.5	10.1	56	47	56	53.0
18	46.52	44.51	46.45	45.83	2.01	23.7	27.0	20.3	7.2	14.6	53	39	53	48.3
19	45.79	45.06	43.12	43.99	2.73	26.3	30.5	21.6	8.9	15.6	59	41	60	53.3
20	44.67	41.79	42.39	42.75	2.98	28.9	34.0	23.9	11.9	11.1	63	47	54	54.7
D. 2 ^a	45.52	43.41	44.30	44.58	2.41	28.1	32.3	23.9	8.6	11.6	62.4	47.7	55.6	55.0
21	44.68	43.82	45.84	44.78	2.02	26.1	36.2	28.0	8.2	2.4	65	70	70	68.3
22	46.65	45.51	46.96	46.37	1.45	29.3	33.8	24.7	9.1	7.2	69	59	53	60.3
23	47.64	44.89	45.20	45.91	2.75	26.4	29.9	22.9	7.0	13.8	63	40	48	50.3
24	44.97	43.78	43.43	44.06	1.54	26.6	30.9	22.2	8.7	14.7	59	33	46	42.7
25	45.23	43.83	41.33	43.63	4.00	27.6	32.2	23.0	9.2	11.0	47	45	47	46.3
26	44.59	42.68	43.16	43.48	1.91	30.1	33.5	26.7	6.8	9.2	65	49	34	49.3
27	44.10	42.18	42.90	43.06	1.92	31.1	34.6	27.6	7.0	10.8	67	48	55	56.7
28	44.30	42.80	42.81	43.30	1.50	31.4	35.0	27.7	7.3	12.5	66	42	54	54.0
29	46.90	45.60	47.89	46.79	2.29	30.3	35.9	24.6	11.3	8.3	71	63	62	65.3
30	50.27	50.42	50.95	50.55	0.68	24.5	29.1	19.9	9.2	1.2	73	88	87	82.7
D. 3 ^a	45.93	44.55	45.07	45.19	2.00	28.3	33.1	24.7	8.3	9.1	64.5	53.7	55.6	57.5
MEZ	45.66	43.91	44.70	44.82	2.12	28.0	32.4	23.9	8.4	11.5	62.8	47.8	56.1	55.3

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Culabá

TABELLA II

Setembro 1910	Vento Direcção — Força			Nebulosidade Forma — Fracção				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Média		Abrigo	Exp.
1	— 0	WNW 5	N 3	— 0	— 0	— 0	0 0		2.3	7.4
2	NNW 1	NNW 5	NNE 2	— 0	— 0	— 0	0.0		3.3	10.9
3	— 0	SSE 2	SSW 2	K 8	— 0	— 0	2.6		3.5	11.5
4	W 2	SSW 5	— 0	« 3	Kn 7	Kn 6	5.3		2.6	6.6
5	— 0	SSE 2	— 0	« 10	« 10	— 0	6.6		1.6	5.0
6	— 0	S 4	— 0	« 10	« 5	— 0	5.0		1.4	4.8
7	NNE 2	NNW 2	— 0	Ks 6	K 8	SK 4	6.0		2.0	7.2
8	NNW 6	« 7	WNW 2	« 6	Kn 9	— 0	6.3		1.7	6.0
9	N 2	« 7	E 4	CS 2	K 5	N 8	5.0		3.3	11.8
10	« 6	ENE 5	« 4	Kn 8	NK 10	NK 10	9.3		3.5	12.2
D1 ^a	N 1.9	NNW 4.4	E 1.7	K 5.7	K 5.4	NK 2.8	4.6		2.5	8.3
11	N 2	N 4	NE 6	K 8	Kn 5	— 0	4.3	22.0	2.0	6.4
12	« 2	NW 8	NNE 2	Ksc 4	K 5	K 10	4.6		3.1	10.7
13	« 1	N 6	« 2	Kn 6	KN 6	Ks 4	5.3		3.4	12.6
14	« 2	« 6	N 2	Sc 6	Ks 4	— 0	3.3		4.0	14.2
15	« 1	SW 6	S 2	Ks 8	Kn 10	Kc 4	7.3		5.0	15.8
16	S 4	S 4	« 6	— 0	« 10	— 0	3.3		3.0	9.6
17	« 2	SSE 6	SSE 1	— 0	KN 10	— 0	3.3		2.8	8.5
18	NW 1	SW 2	— 0	— 4	— 0	Kc 6	3.3		3.2	7.9
19	N 2	N 1	E 1	— 6	— 0	— 0	0.0		2.4	8.4
20	« 6	NNW 6	NNE 2	— 0	Kc 5	K 8	4.3		2.6	9.8
D2 ^a	N 2.3	NW 4.9	NNE 2.4	K 4.2	KN 5.5	K 3.2	3.9	22.0	3.1	10.3
21	N 8	SW 6	W 6	KSc 9	NK 10	NK 10	9.6		5.0	14.8
22	S 6	S 2	S 1	Ksc 5	K 6	— 0	3.6		3.2	7.8
23	ENE 1	SE 2	— 0	CS 6	CS 8	— 0	4.6		2.8	7.8
24	— 0	S 2	NNE 1	— 0	10	— 0	3.3		3.3	10.4
25	— 0	— 0	N 2	— 0	— 0	— 0	0.0		3.3	10.8
26	N 7	NW 6	« 2	Ks 3	Kc 3	— 0	2.0		3.4	10.0
27	« 2	N 4	« 2	Sc 4	Kn 5	— 0	3.0		4.0	13.9
28	« 1	NW 2	« 2	S 10	« 6	— 0	5.3		3.2	10.6
29	S 3	SSW 1	S 8	« 10	S 2	— 0	4.0		4.4	15.1
30	SSW 3	S 1	SSW 3	KN 10	N 10	Kn 10	10.0		3.4	6.8
D3 ^a	N 3.1	S-W 2.6	N 2.7	Sc 5.7	KN 6.0	KN 2.0	4.5	22.0	3.6	10.8
Mez	N 2.4	N-W 3.9	NE 2.2	K 5.2	KN 5.9	KN 2.6	4.3	22.0	3.0	9.8

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Setembro de 1910

Correlação dos ventos com os seguintes elementos meteorologicos

Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. barométrica Média	Temperatura Média	Nebulosidade Média	Humidade Média
N	24	43.42	30.0	3.9	54.9
NNE	6	42.98	28.6	3.6	52.1
NE	1	42.67	29.8	0.0	61.0
ENE	2	45.70	28.4	8.0	53.0
E	3	44.69	27.7	9.0	69.3
ESE	—	—	—	—	—
SE	1	44.89	29.9	8.0	40.0
SSE	4	45.77	27.4	5.0	51.7
S	13	47.36	25.2	4.6	59.8
SSW	5	47.51	24.1	5.8	66.6
SW	3	44.41	29.5	6.6	52.0
WSW	—	—	—	—	—
W	2	44.94	24.9	6.5	68.0
WNW	2	43.12	31.3	6.0	39.5
NNW	7	43.54	30.9	5.3	45.5
NW	4	43.17	31.4	4.5	45.7
Calmas	13	—	—	—	—

Vento predominante	N
» menos frequente	NE-SE
» mais quente	SSE
» mais frio	W
» de maior altura barométrica	SSW
» de menor altura barométrica	N
» mais secco	NNW
» mais humido	S
» de maior nebulosidade	S
» menor	SSW
NUVENS	
Formas predominantes	Kn
Quantidade media	4.3
Dias claros	4
Dias nublados	3
CHUVA	
Numero de dias com chuva	1
Total da agua recolhida	22.0
Altura max. em 24 hors.	22.0
N.º DE DIAS	
Manifestações electricas	4
Trovoadas	4
Nevoeiros	27
Orvalho	—
Dias sem brilho solar	17

Tensão media do vapor atmosferico	15 ^m /°61
Humidade relativa media	55 ^m /°3
Evaporação media diaria ao abrigo	3 ^m /°0
Evaporação media diaria ao sol	9 ^m /°8
Maior evaporação diaria ao abrigo — Dia	21 5 ^m /°0
Maior evaporação diaria ao sol — Dia	15 15 ^m /°8
Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia	6 1 ^m /°4
Menor evaporação diaria ao sol — Dia	6 4 ^m /°8
Evaporação total ao abrigo	92 ^m /°7
Evaporação total ao sol	295 ^m /°3
Quantidade media mensal do Ozono	—
Maxima da insolação	—
BAROMETRO REDUZIDO Á 0° C.	
Pressão media mensal	44.82
Maxima pressão durante o mez — Dia	30 50.95
Minima pressão durante o mez — Dia	13 40.16
Media diaria maxima Dia	30 50.55
Media diaria minima Dia	13 41.63
Oscillação maxima diaria — Dia	25 4.00
Oscillação diaria minima Dia	5 0.40
Oscillação media durante o mez	2.12
TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO	
Media mensal	27.9
Maxima extrema — Dia	21 36.2
Minima extrema — Dias	15 e 21 28.0
Media diaria maxima — Dia	15 32.0
Media diaria minima — Dia	18 23.7
Oscillação diaria maxima — Dia	20 11.9
Oscillação diaria minima — Dia	5 6.2
Oscillação media durante o mez.	8.4
TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE	
Media mensal	27.4
Maxima extrema — Dia	28 39.9
Minima extrema — Dia	30 15.7
Media diaria maxima — Dia	21 32.4
Media diaria minima — Dia	4 22.2
Oscillação diaria maxima — Dia	1 19.1
Oscillação diaria minima — Dia	30 1.2
Oscillação media durante o mez	11.5

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

"Presidente Antonio Paes de Barros"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

Observações feitas durante o mez de Julho de 1910

Altitude approximada da Localidade: 188.^m — Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

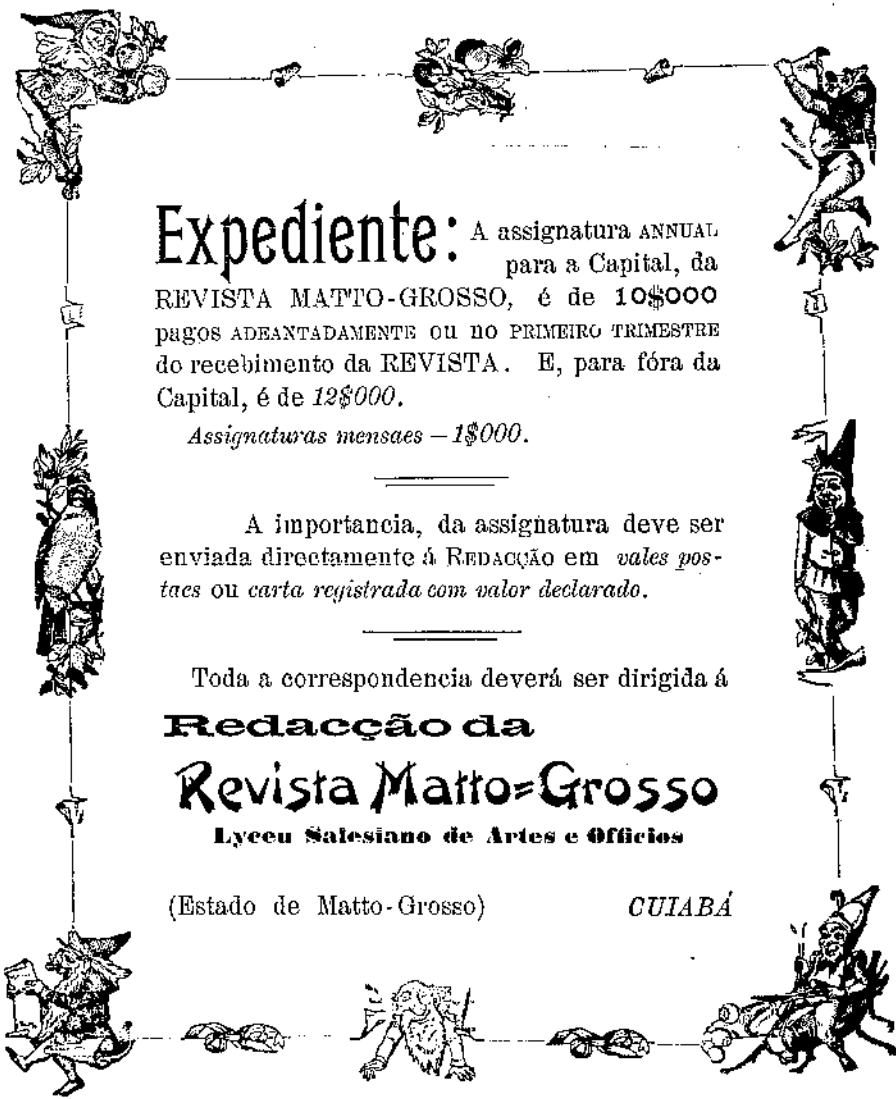
N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Julho 1910	Pressão barométrica reduzida á 0.º cent.					Temperatura centigrada á sombra				TEMP. SOL OSCILLAC.º	Humidade relativa			
	6a. m.	2 p.m.	8 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.		6a. m.	2 p.m.	8 p.m.	Media
1	23.87	22.02	22.05	22.64	1.85	21.2	27.0	15.4	11.6	17.0	70.0	31.0	43.0	48.0
2	23.87	22.02	22.64	22.84	1.85	21.5	27.0	16.0	11.0	19.6	71.0	35.0	82.0	62.6
3	22.99	21.37	22.08	22.14	1.62	21.0	27.0	15.0	12.0	21.2	71.0	31.0	43.0	48.3
4	23.22	20.84	21.17	21.74	2.38	20.0	26.8	13.2	13.6	21.4	73.0	31.0	42.0	48.6
5	23.25	21.89	22.17	22.43	1.36	20.2	27.0	13.4	13.6	19.8	77.0	31.0	42.0	50.0
6	23.25	21.84	21.93	22.34	1.41	22.5	28.0	17.0	11.0	22.2	71.0	39.0	51.0	53.6
7	22.83	21.82	19.82	21.49	3.01	24.0	29.0	19.0	10.0	19.0	71.0	41.0	46.0	52.6
8	21.55	19.54	19.90	19.99	2.01	24.5	29.0	20.0	9.0	18.0	72.0	45.0	48.0	55.0
9	20.29	18.61	19.70	19.53	1.68	24.6	29.2	20.0	9.2	16.2	72.0	47.0	58.0	59.0
10	19.13	19.30	19.12	19.18	0.18	24.4	27.8	21.0	6.8	16.6	73.0	47.0	53.0	57.6
D.1.ª	22.32	20.92	21.05	21.33	1.73	22.3	27.7	17.0	10.7	19.1	72.1	37.8	50.8	53.5
11	18.31	18.81	18.84	18.65	0.53	24.9	28.8	21.0	7.8	17.2	80.0	44.0	55.0	59.6
12	19.71	18.56	18.72	18.99	1.15	25.5	29.8	21.2	8.6	17.2	83.0	43.0	57.0	61.0
13	20.19	18.49	18.61	19.09	1.70	25.0	30.0	20.0	10.0	18.6	76.0	46.0	53.0	58.3
14	20.62	19.27	19.36	19.75	1.35	24.8	30.4	19.2	11.2	19.8	76.0	37.0	51.0	54.6
15	21.17	19.35	19.58	20.03	1.82	26.5	31.0	22.0	9.0	13.6	72.0	42.0	57.0	57.0
16	22.52	22.05	21.64	22.07	0.88	24.2	28.0	20.4	7.6	7.4	89.0	50.0	50.0	63.0
17	21.82	21.45	22.57	21.94	1.12	20.1	25.0	15.2	9.8	14.4	76.0	49.0	54.0	59.6
18	24.11	18.85	23.64	22.20	5.26	21.2	27.0	15.4	11.6	20.0	69.0	41.0	58.0	56.0
19	23.87	22.90	23.22	23.33	0.97	22.0	28.6	15.4	13.2	18.0	71.0	43.0	46.0	53.5
20	23.64	22.67	21.70	22.67	1.94	24.9	30.4	19.4	11.0	17.4	73.0	39.0	55.0	55.6
D.2.ª	21.59	20.24	20.78	20.87	1.67	23.9	28.9	18.9	9.9	16.3	76.5	43.4	53.8	57.9
21	23.92	21.42	21.10	22.14	2.82	24.9	30.0	19.8	10.2	18.2	69.0	39.0	50.0	52.6
22	23.40	22.44	21.70	23.51	1.70	25.4	30.0	20.8	9.2	18.6	74.0	36.0	52.0	54.0
23	23.29	21.67	21.70	22.92	1.62	26.1	30.6	21.6	9.0	16.4	78.0	39.0	46.0	54.3
24	22.29	20.92	20.61	21.27	1.68	25.5	31.0	20.0	11.0	18.0	66.0	38.0	40.0	48.0
25	21.92	20.58	20.90	20.93	0.74	24.5	30.0	19.0	11.0	15.4	55.0	42.0	40.0	45.6
26	21.40	21.47	21.61	21.49	0.21	24.6	30.2	19.0	10.2	20.0	70.0	34.0	47.0	50.3
27	23.29	22.47	22.50	22.75	0.82	25.0	30.4	19.6	10.8	16.6	66.0	37.0	42.0	48.3
28	23.79	21.27	22.70	22.58	2.52	24.4	30.0	18.8	11.2	20.6	70.0	30.0	35.0	45.0
29	24.44	22.98	23.50	23.64	1.46	23.4	29.0	17.8	11.2	19.8	66.0	34.0	32.0	44.0
30	24.39	21.67	20.82	22.29	3.57	23.9	30.0	17.8	12.2	29.0	61.0	36.0	44.0	47.0
31	23.76	21.58	21.82	22.38	2.18	23.7	30.0	17.4	12.6	21.0	75.0	36.0	39.0	50.0
D.3.ª	23.20	21.67	27.72	22.20	1.93	24.6	31.0	19.2	10.7	18.6	68.1	36.4	42.1	48.8
MEZ	22.37	20.94	21.18	21.13	1.77	23.6	29.2	18.3	10.4	18.0	72.2	39.2	48.9	53.4

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"
TABELLA II

Julho 1910	Vento Direcção—Força			Nebulosidade Forma—Fracção				Medir	Chuva Quantid.	EVAPORAÇÃO em 24 horas			
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Abrigo			Exp.			
1	—	0	SES 7	ESE 6	—	0	K 4	—	0	1.3	—	8.0	10.5
2	—	0	N 4	—	0	—	0	—	0	—	—	5.6	7.4
3	—	0	E 7	—	0	—	0	—	0	—	—	7.0	9.8
4	—	0	SES 5	—	0	—	0	C 2	—	0.6	—	7.0	9.2
5	—	0	" 6	—	0	—	0	—	0	—	—	6.0	8.4
6	—	0	" 0	—	0	—	0	—	0	—	—	6.0	8.3
7	—	0	N 6	—	0	—	0	K 3	—	0	1.0	5.0	7.2
8	—	0	—	0	0	C 4	KC 6	K 4	4.6	—	—	5.2	7.8
9	—	0	W 2	—	0	" 8	" 8	C 5	7.6	—	—	5.0	7.4
10	—	0	E 3	—	0	" 2	" 8	" 5	5.0	—	—	5.8	8.4
D.1 ^a	—	0	SES 4.0	ESE 0.6	C 1.4	KN 3.1	C 1.4	2.0	—	—	—	60.6	84.4
11	—	0	NE 5	SE 7	C 5	KN 7	NK 9	7.0	grit.	—	—	5.2	8.0
12	—	0	NW 4	—	0	" 6	" 8	C 3	5.6	—	—	5.0	7.0
13	—	0	W 2	—	0	" 4	KC 5	CK 7	5.3	—	—	5.0	7.8
14	—	0	NW 5	E 5	" 2	KN 5	" 8	5.0	grit.	—	—	6.0	9.2
15	—	0	" 5	W 5	—	0	K 8	N 10	6.0	0.2	—	5.6	10.2
16	—	0	S 5	S 4	N 10	KN 6	—	0	5.3	14.2	—	5.2	8.2
17	—	0	—	SE 2	C 4	C 8	—	0	4.0	—	—	5.0	8.0
18	W 2	E 4	—	—	0	" 3	CK 6	C 4	4.3	—	—	5.2	9.0
19	—	0	SE 3	SE 5	" 4	C 3	" 8	5.0	—	—	—	5.0	9.2
20	—	0	E 6	—	0	" 5	K 4	—	0	3.0	—	5.2	9.4
D.2 ^a	W 0.2	NW 3.9	SE 2.8	C 4.3	KN 6.0	C 4.9	5.0	14.4	—	—	—	52.4	86.0
21	—	0	N 3	E 2	CK 4	K 5	—	0	3.0	—	—	6.0	9.8
22	—	0	E 6	" 2	C 8	" 6	—	0	4.6	—	—	6.0	10.0
23	—	0	N 8	—	0	" 6	C 2	K 5	4.3	—	—	5.2	8.8
24	—	0	—	—	0	" 8	CK 5	—	0	4.3	—	5.2	8.6
25	—	0	—	—	0	—	0	K 6	—	0	2.0	5.0	9.0
26	—	0	E 5	—	0	C 9	CK 8	N 5	7.0	—	—	5.0	8.8
27	—	0	" 6	E 1	" 8	K 8	—	0	5.3	—	—	6.2	9.4
28	—	0	" 7	" 2	—	0	—	0	—	—	—	6.8	11.0
29	—	0	N 2	—	0	—	0	—	0	—	—	6.0	8.8
30	—	0	E 6	—	0	—	0	—	0	—	—	7.0	10.0
31	—	0	N 5	SE 3	—	0	—	0	—	—	—	6.8	10.8
D.3 ^a	—	0	E 4.5	E 0.9	C 4.3	K 4.0	KN 0.9	2.7	—	—	—	65.2	106.0
Mez	W 0.6	E 4.0	E 1.4	C 3.2	K 4.2	C 2.3	3.2	11.1	—	—	—	178.2	276.4



Expediente: A assignatura ANNUAL
para a Capital, da
REVISTA MATTO-GROSSO, é de 10\$000
pagos ADEANTADAMENTE OU NO PRIMEIRO TRIMESTRE
do recebimento da REVISTA. E, para fóra da
Capital, é de 12\$000.

Assignaturas mensaes — 1\$000.

A importancia, da assignatura deve ser
enviada directamente á REDACÇÃO em *vales pos-
taes* ou *carta registrada com valor declarado*.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á

Redacção da
Revista Matto-Grosso
Lyceu Salesiano de Artes e Officios

(Estado de Matto-Grosso)

CUIABÁ